

REVISTA ECO-PÓS

<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/index>



Os Jovens em Cena: Vida Ficcional e Real a Partir de Três Telenovelas da Rede Globo

Guilherme Moreira Fernandes

Revista Eco-Pós, 2010, v. 13, n. 2, pp 106-123

A versão online deste artigo está disponível em:

<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/issue/view/24>

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Informações adicionais da revista Eco-Pós

sobre: <http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/about>

e-mail: ecopos.ufrj@gmail.com

Política de Acesso Livre

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização do conhecimento.



Os Jovens em Cena:

Vida Ficcional e Real a Partir de Três Telenovelas da Rede Globo

Guilherme Moreira Fernandes¹ e

Maria Cristina Brandão de Faria²

Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

Esse artigo retrata as proximidades dos jovens homossexuais com os apresentados pelas telenovelas “Mulheres Apaixonadas”, “Senhora do Destino” e “América”, todas da Rede Globo e exibidas na faixa das nove horas. Com base em quatro estudos de recepção buscamos evidências nos mecanismos de projeção e identificação da telenovela em relação à questão da sexualidade. Também buscamos evidências em uma recente reportagem de capa da revista *Veja* que diz que estamos vivendo uma “geração tolerante”. Acreditamos que o discurso ficcional contribuiu para o processo de *coming out* dos jovens e também para a aceitação da orientação homossexual por parte da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Telenovela • Juventude • Homossexualidade •
Rede Globo • Minorias

Os estudos midiáticos, face ao mundo contemporâneo e o processo de globalização econômica que vivenciamos, adquiriram diversas afiliações teóricas. Nos anos 80, Umberto Eco percebeu dois mundos: os apocalípticos agrupados, principalmente, à Escola de Frankfurt; e os integrados, que sofreram influências dos estudos de Birmingham. Embora ainda se pode aplicar os conceitos de Eco, essa fronteira ficou borrada. Existem trabalhos que se

1 Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Jornalista formado pelo UFJF.

2 Mestre e Doutora em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

aportam em autores da escola crítica e dos estudos culturais ao mesmo tempo (a exemplo de LEAL, 1986). Porém, outros vieses teóricos como o construtivismo e o pós-estruturalismo também são utilizados para os estudos contemporâneos de comunicação social. Não é diferente para os estudos que focam a teledramaturgia.

A telenovela brasileira recebeu diversos estudos teóricos em meados da década de 1980, se consolidando como campo e objeto de estudo nos anos 1990. Hoje, muitos pesquisadores dos diversos ramos da comunicação social utilizam a ficção seriada como objeto de estudo. O relatório do Obitel de 2010 analisa os temas mais presentes nos produtos ficcionais de nove³ países ibero-americanos. A temática mais recorrente foi o binômio amor/ódio seguido de diversidade sexual e das identidades ocultas. Queremos destacar a questão da diversidade sexual. Em todas as produções, com exceção dos Estados Unidos, essa abordagem ganhou notoriedade.

Países de tradição conservadora em produtos ficcionais como o México trataram o tema de forma incisiva, inclusive Lopes e Orozco Gómez (2010, p. 48) apontam que a telenovela mexicana “saiu do armário”.

É possível notar uma crescente inclusão de temas atuais na maioria dos países, incluindo surpreendentemente o México, que sempre focalizava em sua ficção quase exclusivamente os afetos e sentimentos amorosos, questões atemporais. Mais do que em anos anteriores, 2009 assistiu à proposta de temas, fixando uma agenda para o público, seja com questões polêmicas, ou abertamente políticas e de temas sociais complexos, como a eutanásia, a legalização do aborto e o casamento gay. (LOPES e OROZCO GÓMEZ, 2010, p. 51)

Já a telenovela argentina colocou no ar um beijo homossexual entre jogadores de futebol. Cremos que a telenovela brasileira não está mais “no armário”, apesar dela não ter ousado como os argentinos em relação a um beijo homoafetivo, mas, percebemos uma crescente inclusão de pares românticos, cenas de afetividade e adoção de crianças por casais homossexuais em produções mais recentes⁴.

3 A saber: Argentina, Brasil, Chile, Espanha, Estados Unidos (hispanico), México, Portugal, Uruguai e Venezuela.

4 Pelo viés da teoria *queer*, perceberíamos um caráter “heteronormativo” nas telenovelas. Desta forma, o modo de vida heterossexual (monogamia, união estável e filhos) está sendo reproduzido ao mundo homossexual. Assim, surge uma grande polêmica: alguns ativistas preferem essa representação, justamente por crer que um homossexual, caso queira, pode viver em monogamia e ter o direito à parentalidade. Todavia, o grupo *queer*, diz que essa narrativa não abrange outros aspectos da “vida gay”, além de querer normalizar os

A partir dessas constatações, queremos mostrar que a narrativa da homossexualidade, principalmente nas telenovelas – “Mulheres Apaixonadas” (Manoel Carlos/2003), “Senhora do Destino” (Aguinaldo Silva/2004) e “América” (Glória Peres/2005) – foi um importante argumento para a juventude poder assumir com maior liberdade sua sexualidade. Nossos dados foram colhidos em quatro estudos de recepção: um grupo focal (realizado em junho de 2009), duas pesquisas de opinião (uma com um público generalista também em junho de 2009 e outra com jovens gays em janeiro de 2010) e uma entrevista em profundidade também com jovens homossexuais realizada em 2008.

Os homossexuais são minorias sexuais?

A palavra “minorias” é constantemente evocada em diversos estudos, seja sobre feminismo, ambientalismo, negritude e também de sexualidade. Sabe-se que muitos grupos minoritários ocupam cifras numerosas em termos de população absoluta e relativa, então partimos da pergunta “afinal quem são as minorias?” Muniz Sodré (2005) responde e diz que a palavra minoria

refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de lutas assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, etc. (SODRÉ, 2005, p. 12)

Ainda de acordo com Sodré (2005) minoria é “uma recusa de consentimento, é uma voz de discurso em busca de uma abertura contra-hegemônica no círculo fechado das determinações societárias” (SODRÉ, 2005, p. 14). Ou seja, todas as pessoas (embora seja a maioria) que vivem fora das decisões políticas e econômicas e que vivem a margem do sistema capitalista podem ser enquadradas como minoria. Assim, em nosso trabalho, abordaremos os homossexuais e pretendemos verificar o quanto da parcela minoritária eles representam.

Delcio Lima (1983), há três décadas atrás, fez importantes apontamentos que vamos reproduzir nesse estudo. O autor destaca o trabalho realizado por homossexuais.

Kinsey entre 1948 a 1953 (portanto há mais de meio século). De acordo com Lima, Kinsey não considera o homossexual uma minoria. Ele afirma que 11% da população brasileira é composta por homossexuais e acresce a cifra de 37% de pessoas que revelaram ter experimentado orgasmos em relações homossexuais após a adolescência. Destes, 10% eram homens casados (com mulheres) que mantinham práticas homoeróticas simultâneas e 7% eram de mulheres casadas (com homens) que também confessaram práticas de lesbianismo durante o casamento. Lima ainda afirma que de acordo com João Antônio de Souza Mascarenhas esse número de 11% de Kinsey (na década de 1950) seria, na década de 1980, correspondente a 30%.

Lima também apresenta um outro estudo realizado no 1º Encontro de Estudantes de Medicina realizado em Recife-PE em 1982. Esse encontro reuniu mais de três mil pessoas de todo os estados brasileiros. Na ocasião, foi realizada uma pesquisa dividida em três turnos com 300 rapazes e moças presentes no encontro. No primeiro turno viu-se que 84,3% dos entrevistados já tinham “escolhido” sua “opção” sexual, em contrapartida 15,7% não tinham “decidido”. Desses 84,3%, na pesquisa em segundo turno, 71,9% diziam ser heterossexuais, 18,3% homossexuais e 9,8% bissexuais. A pesquisa em terceiro turno foi realizada com os 71,9% de heterossexuais. Deste universo, 80,4% disseram que nunca tiveram em nenhuma época de sua vida um relacionamento homossexual, já 19,6% confessaram que tiveram uma ou mais relações homossexuais. Desta forma, foi computado que desse universo de 300 estudantes, 42,2% são de homossexuais.

Lima também apresenta um outro estudo, esse feito pela Organização Mundial da Saúde, também em 1982, com 80 mil estudantes secundaristas da cidade de São Paulo-SP. Deste universo 22% disseram que já tiveram uma ou mais relações homossexuais. Lima estima que dos 120 milhões de brasileiros (Censo de 1980) 13 milhões são gays. Se atualizássemos esse número por uma regra de três simples, atualmente temos 20,6 milhões de brasileiros homossexuais. Outro dado impressionante relatado por Lima diz respeito à Alemanha. Segundo ele 42% dos alemães são homossexuais e isso gera uma taxa baixa de natalidade no país.

Adriana Nunan (2003) também dedica uma parte de seu livro para quantificar os homossexuais, porém ela trabalha com números menores. A autora acredita que entre 4% e 8% da população adulta que vive em grandes centros urbanos no ocidente é composta por homossexuais. Concordamos com Nunan quando ela afirma que os números são pouco confiáveis. Ela apresenta duas justificativas. A primeira se deve ao preconceito e estigmatização de muitos sujeitos em não querer revelar sua orientação sexual mesmo em anonimato. A outra, são os múltiplos critérios adotados em pesquisas. Ela afirma que muitos acreditam que o homossexual é o indivíduo que se relaciona sexualmente com o mesmo sexo biológico, outros podem ser definidos por nutrirem sentimentos para pessoas de sexo iguais e o último grupo são os que de auto-denominam homossexuais. Nunan explica que muitas pesquisas (como as apresentadas por Lima) consideram gays indivíduos que tiveram uma única experiência homossexual u têm fantasias homoeróticas. Enfim, ela constata que as pesquisas são prejudicadas por falta de critérios científicos e por não existirem pesquisas demográficas “oficiais”.

Nunan também explica uma diferença entre identidade homossexual e comportamento homossexual, enquanto o primeiro grupo se auto-identifica como homossexual e consome produtos ligados ao LGBT⁵, o segundo vivencia sua homossexualidade em guetos (como saunas e sala de bate-papo). Em nosso estudo sobre projeção e identificação do público com personagens homossexuais, só podemos considerar os membros do primeiro grupo, já que os do segundo rejeitam uma ligação com o nome “homossexual”. Um dado interessante apresentado por Nunan (2003, p.98) refere-se ao filme “Philadelphia” de Jonathan Demme (1993) tido como importante veículo para diminuir o preconceito contra homossexuais nos EUA. Nunan diz que o filme fez mais “efeito” do que qualquer propaganda educativa.

O trabalho mais recente que traz dados quantitativos é o de Irineu Ribeiro (2010). O autor apresenta dados números que afirmam que 18 milhões de brasileiros são homossexuais, correspondente a 9,5% da população. Ribeiro

5 Refere-se a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Também pode aparecer na forma LGBTTT, replicando os “Ts”. Alguns autores utilizam a sigla LGBTTTIQ para se referirem também aos intersexos e o queer. A sigla GLS não é utilizada pelo movimento homossexual, sendo evocada somente para fins mercadológicos.

também afirma que os homossexuais gastam 30% mais que os heterossexuais⁶. Tendo em vista que muitos grupos de ativistas homossexuais trabalham com a percentagem de 10% da população mundial serem de homossexuais, acreditamos ser essa a cifra que melhor representa a “minoría” homoerótica.

Telenovela, sexualidade e juventude

De 2003, com “Mulheres Apaixonadas”, a 2010, com “Passione” (Sílvio de Abreu), quase todas as telenovelas (com exceção de “Caminho das Índias” de Glória Perez-2009) tiveram pelos menos uma personagem homossexual.

Diversos fatores podem contribuir para a aceitação da homossexualidade pelo jovem e posteriormente para a família, caso ele/a resolva assumir. Certamente o discurso adotado pelas telenovelas, sobretudo em “Mulheres Apaixonadas”, “Senhora do Destino” e “América” contribuíram para a aceitação pessoal e também familiar. Antes de apresentar alguns dados empíricos, vamos rememorar o enredo envolvendo os jovens nessas tramas.

Na telenovela “Mulheres Apaixonadas” (2003), Clara (Alinne Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli), duas estudantes, tinham um relacionamento que foi sendo gradativamente desenvolvido no decorrer da trama. As personagens enfrentam a incompreensão de seus pais; assim, por exemplo, a mãe de Clara quer afastá-la de Rafaela, proibindo-a de sair com ‘aquela outra’, Clara lhe responde: “Aquela outra” tem nome. É Rafaela. E ela é minha namorada!⁷. O preconceito na escola foi mostrado pela homofóbica personagem Paulinha (Ana Roberta Gualda), que usava expressões irônicas para retratar Clara e Rafaela. Em uma das cenas, a diretora do colégio, Helena (Christiane Torloni), chama as três à sua sala e lhes dá uma lição de moral, dizendo que todos têm o direito de ser felizes e que a Paulinha deveria preocupar-se mais com sua vida. Só assim poderia viver bem.

Um dos *plots*⁸, na reta final da novela, foi o baile de formatura. A festa foi

6 Segundo Ribeiro, 40% do público consumidor reside em SP, 14% no RJ, 8% em MG e no RS. 36% pertencem a classe “A”; 47% a “B” e 16% a “C”.

7 Trechos das falas das personagens na telenovela “Mulheres Apaixonadas”.

8 Em linguagem televisual o termo é usado como sinônimo de enredo, trama ou fábula.

ao ar nos dois últimos capítulos da trama. Estava prevista uma encenação de “Romeu e Julieta”, de Shakespeare. Clara seria Julieta e Rodrigo (Leonardo Miggiarin) seria Romeu. Rafaela ajudava Clara nos ensaios da peça; logo, conhecia todas as falas de Romeu. Dias antes da apresentação, Rodrigo quebra o pé e é impedido de contracenar com Clara. Para que a peça pudesse ser encenada, ele convida Rafaela para fazer a personagem Romeu. Houve então um beijo trocado por Clara e Rafaela, ou melhor, Romeu e Julieta, um homem e uma mulher.

Clara não aguentava mais a pressão da mãe Margareth (Laura Lustosa), que sempre implicou com seu comportamento ‘estranho’, culpando Rafaela pela ‘contaminação’. Clara depende financeiramente da família; Rafaela mora sozinha. Para que as duas pudessem morar juntas, era necessário que Clara chegasse à maioridade, como a novela mostrou. Margareth fez de tudo para a filha não sair de casa, em vão.

“Senhora do Destino” (2004), de Aguinaldo Silva, foi outra novela em que personagens lésbicas tiveram grande destaque. Jenifer (Bárbara Borges) passou por todo o processo da construção de uma identidade homossexual. No início da trama, ela percebe que não gosta de rapazes, mas se ofende quando alguém a chama de lésbica. Ela conhece a médica Eleonora (Mylla Cristie), que tem sua sexualidade bem definida. No início, Jenifer procura se afastar da amiga, justamente por sua inclinação homossexual; depois, se apaixona por ela. Jenifer não tem maiores problemas em assumir a lesbianidade para seus familiares, já Eleonora chegou a ser expulsa de casa pelo pai Sebastião (Nelson Xavier); porém Sebastião ao ver a filha salvando uma vida volta atrás e a chama para morar em sua casa novamente. Ela não aceita e acredita que já está na hora de viver sozinha. No meio da trama, passam a morar juntas e cenas de afeto começam a ser mais explícitas. Não houve beijo, mas o autor conseguiu mostrar cenas de intimidade, no chuveiro e na cama, dando a entender ter havido uma relação sexual. Nos últimos meses da trama de Aguinaldo Silva, Eleonora encontra uma criança negra em uma lata de lixo e, junto a Jenifer, abre um processo de adoção legal, conquistando o direito a homoparentalidade.

A telenovela seguinte exibida no horário nobre teve a assinatura de

Glória Perez: “América” (2005). E, mais uma vez, a trama homossexual foi bem apresentada. Júnior (Bruno Gagliasso) é filho da viúva Neuta (Eliane Gardini): ambos vivem na pequena cidade de Boiadeiros, que tem o rodeio como um dos principais atrativos. Neuta não gosta de peões, pois acha que cada dia eles estão em um lugar e jamais levariam um namoro a sério. A viúva educa seu filho nos mais rígidos padrões. Boa parte da cidade de Boiadeiros a teme. Júnior começa a perceber que não tem o comportamento que sua mãe deseja: não gosta de música sertaneja e prefere a clássica. Gosta de fazer desenhos de moda e não vê graça em rodeios. Junto a ele e sua mãe, vivem as afilhadas, as “marias-breteiras”, entre elas Maria Elis (Sílvia Buarque). Maria Elis fica grávida de um peão de rodeio; para sua madrinha não a expulsar de casa, ela forja um romance com Júnior, que já teme que sua mãe possa desconfiar de sua sexualidade. Neuta fica feliz com o suposto namoro e mais ainda com possibilidade de ser avó.

A personagem de Sílvia Buarque foge com o peão, mas deixa o filho para Neuta e Júnior cuidarem, só reaparecendo no final da trama. Nesse período, Júnior vai descobrindo sua sexualidade. Quase no fim da novela, aparece o peão Zeca (Erom Cordeiro) e eles se apaixonam. Nesse momento, Júnior está namorando Kerry (Marisol Ribeiro), mas já sabe que é gay. No final da narrativa, Kerry vai até o quarto de Júnior e o obriga a confessar que ele gosta de homens e é apaixonado por Zeca. Neuta está próxima à porta e ouve a conversa. A princípio, a personagem de Eliane Gardini não aceita o que acaba de saber; mais tarde defenderá a homossexualidade do filho, dizendo “ele é gay, algum problema?”⁹.

Esta telenovela pode, igualmente, ser considerada um marco, visto que estava explícita a afetividade homoerótica. Em cenas de trocas de olhares, suspiros e mãos dadas, houve várias insinuações de beijos, mas quando os personagens se dispunham a isto, alguém mais aparecia em cena. Estava previsto um beijo¹⁰ do casal no último capítulo. Os atores chegaram a gravar a

9 Trecho da fala de Neuta dirigida as Marias-Breteiras quando elas ironizavam Júnior.

10 Na época, foi comentado que esse seria o primeiro beijo gay da TV aberta brasileira. Porém, em 1990, na Rede Manchete, foi exibido um beijo entre dois homens na série “Mãe de Santo”, de Paulo César Coutinho. Na trama os personagens Rafael (Daniel Barcellos) e Lúcio (Thiago Justino) viviam dois jovens universitários, que se conheceram na Bahia. Beijos homoafetivos já foram exibidos na MTV em programas como o “Fica Comigo”, de Fernanda Lima e o “Beija Sapo”, de Daniella Cicarelli.

cena, o ibope chegou a quase 70 pontos, mas a emissora não permitiu que a cena fosse ao ar. Júnior tem um final feliz, fica com Zeca e se torna um grande estilista. Sem que ninguém soubesse, Maria Elis entrega desenhos de Júnior a uma grande produtora de modas, que o convida para trabalhar com ela em diversas cidades do mundo, como Londres, Paris, Roma e Milão. Desta forma, essas são as três telenovelas que elegemos como principais no que tange a narrativa de jovens homossexuais na ficção.

O termo “juventude” pode assumir diversas configurações dependendo da abordagem do pesquisador. De acordo com Sílvia Borelli et al, a juventude pode ser concebida:

Por categorias que ‘aproximam’ jovens distintos e de toda parte – conflitos geracionais, linguagem, rebeldia, heroísmo e aventura, adesão ao movimento e ao jogo, ligação ao presente e rejeição do passado, recusa da experiência, autorrealização, exaltação da vida privada, ideal de beleza, amor e felicidade; ou ainda, ênfase em jovens ‘particulares’ vivendo em situações de contraste e exclusão, inseridos na hierarquia de classes e no contexto das desigualdades sociais, expostos – em maior ou menor grau – aos movimentos da violência e singularizados pelo gênero, etnia, nível de escolaridade, condição de moradia, pertencimento familiar, consumo cultural, entre outros. (BORELLI et al, 2009, p. 75-76).

Pelas palavras de Borelli podemos perceber a imensidão da temática do conceito de juventude. Nosso recorte é para as situações que envolvem a homossexualidade de personagens com a faixa etária de até trinta anos e a repercussão da re(-a)presentação também por parte do público telespectador nessa mesma faixa etária.

Uma recente reportagem de capa da revista *Veja*, do dia 12/05/2010, trouxe o seguinte título: “Ser Jovem e Gay: a vida sem dramas”. Ao longo das oito páginas da reportagem é narrado que “a geração tolerância” vive longe dos estereótipos concebidos pela sociedade. A revista afirma que “os adolescentes e jovens brasileiros começam a vencer o arraigado preconceito contra os homossexuais. E nunca foi tão natural ser diferente quanto agora. É uma conquista da juventude que deveria servir de lição para muitos adultos” (p. 106).

Os repórteres Sílvia Rogar e Marcelo Bortoloti iniciam seu texto dizendo que nunca é fácil dizer para os pais “eu sou gay” como também não é para eles receber essa notícia. Sabemos de filhos/as expulsas de casas e também dos pais

que aceitam sem entusiasmo, mas “o amor maternal supera o choque do novo” (p. 108). A questão da aceitação (ou não) da homossexualidade para a família ainda é um assunto delicado e será demorado para ser aceitado pelas famílias¹¹. Porém, a relação dos jovens com a homossexualidade mudou muito rapidamente, “declarar-se gay em uma turma ou no colégio de uma grande cidade brasileira deixou de ser uma condenação ao banimento ou às gozações eternas” (p. 108).

A revista aponta pesquisas do Ibope de 1993 em que 60% dos brasileiros disseram que não tolerarem gay, já hoje esse mesmo número é utilizado para os que dizem que aceitam com naturalidade. Realizamos uma pesquisa de opinião (sem nos preocuparmos com dados representativos) na principal rua (Halfeld) da cidade de Juiz de Fora-MG com 152 pessoas e vimos que 73% dos entrevistados aprovam os personagens gays nas telenovelas. Outro dado é que 76,3% dos entrevistados acham que a constante exibição de personagens gays em telenovelas pode diminuir o preconceito para com o grupo LGBT. Se esses dados forem cruzados pela escolaridade, vemos: dos que possuem o ensino fundamental incompleto 61,5% acreditam que sim; o número sobe se pegarmos os que já completaram o fundamental, indo para 71,4%. Ensino médio incompleto (87,5%), completo (72,4) e superior incompleto (87,5).

Outra pergunta que fizemos foi sobre a aceitação de um beijo homoafetivo, nesse caso o quesito de faixa etária, por sua vez, mostrou, praticamente, ser diretamente proporcional. Quando menor a faixa etária, maior é a aprovação do beijo. Os dados mostram que na faixa etária de até 20 anos, 48,4% são a favor; já nos que têm de 21 a 25 o valor chega a 56,3%, ou seja, mais da metade é favor da veiculação do beijo, o que mostra que os tempos pode estar mudando. À medida que a idade vai subindo a aceitação diminui: dos que têm entre 26 a 35 anos, 33,3% são a favor do beijo, já nos que têm de 36 a 55 os números abaixam para 31,8% e, finalmente, nos que estão acima dos 56 o índice é de apenas 16,6%.

Percebemos que os dados que colhemos batem com a perspectiva traçada

¹¹ A esse respeito, destacamos o programa “Profissão Repórter” da Rede Globo, exibido no dia 11/05/10. O programa mostrou famílias que aceitaram a sexualidade dos filhos. Também mostrou uma sociedade de mães com filhos homossexuais. Neste grupo, elas discutem como aceitar sem tolher a sexualidade dos filhos/as.

pela reportagem da Veja. A revista aponta que nessa última década “a indústria do entretenimento tem refletido, de forma acentuada, as mudanças culturais em relação à sexualidade” (p.112). No âmbito internacional vemos uma explosão de séries com temática homossexual como *Queer as Folk* e *The L Word*. Também vemos séries com núcleos gays como *Glee*, *Will & Grace*, *The Gilmore Girls* entre outros. De uma forma um pouco mais contida e sem exhibições de cenas homoeróticas, as telenovelas do horário nobre apresentam constantemente personagens homossexuais.

Em nossas pesquisas, uma das entrevistadas nos contou: “construí minha identidade com base nas personagens de ‘Senhora do Destino’ e vi que eu também deveria ser o que sou, sem ter vergonha. Dar respeito para também ser respeitada”. Já no grupo focal realizado em junho de 2009 foi perguntado se houve identificação com os personagens gays das novelas. Destacamos a resposta de três jovens

Depende da fase. São várias as que eu passei e cada uma retratava um pouco, a questão da família, da auto-aceitação, em primeiro lugar, depois a aceitação da família, da sociedade e aonde eu me enquadrava nela. Eu passei um pouco por todas elas. A telenovela contribuiu para a minha identidade lésbica, no momento da alta-aceitação. (Participante número 1, 25 anos, estudante)

Para mim foi a telenovela “Mulheres Apaixonadas”. Eu acho que pela faixa etária. A mesma idade que eu tinha elas estavam retratando na telenovela. Tinha um reconhecimento de escola e tal. Não passei pelos mesmos conflitos delas, mas ajudou muito na própria aceitação. No período também da adolescência, eu pude ver como uma coisa normal, por causa da novela. E o carisma também que as pessoas pegaram pelas duas personagens. (Participante número 2, 22 anos, estudante)

Eu me identifiquei com o casal de “América”. Foi na parte de aceitação. Assim, meu primeiro momento com a homossexualidade, eu achei que era algo de tesão mesmo, acontecer e pronto. Com o passar de alguns anos, apesar de não ter tanta experiência prática com frequência sexual, mas eu vi que eu passava a gostar da pessoa, do outro. E teve um terceiro momento mais difícil, que foi como eu poderia adaptar meus princípios e meus valores ao tipo de vida gay. Foi muito confuso, por isso me identifiquei muito com o personagem da telenovela “América”. (Participante número 3, 24 anos, estudante.)

Diante dessas respostas percebemos a função social e a importância da telenovela para essas pessoas. Além das cenas que foram ao ar e partindo da hipótese da teoria da *agenda-setting* de que os veículos de massa pautam as conversas das pessoas e também de que um veículo midiático pode pautar outros, vemos que diversas revistas, jornais e programas de variedades como o

“Domingão da Faustão” e o “Fantástico” abordaram a construção da sexualidade por jovens a partir do que foi ao ar nas narrativas teledramtúrgicas, que por sua vez, se baseiam em fatos reais. De acordo com Cristina Brandão “admitimos que, em teledramaturgia, as personagens são baseadas em observações da vida real, preconizadas pela estética naturalista que envolve o gênero, mesmo que inspiradas em tragédias shakespearianas” (BRANDÃO, 2008, p. 61).

Já em relação ao público heterossexual, a telenovela também cumpre um papel importante ao trabalhar com personagens homossexuais. Nas palavras de Heloisa Buarque de Almeida “a novela expõe os espectadores a mundos e situações por vezes muito distintos daquilo que eles vivem, como eles próprios reconhecem, mas ao fazer isso os familiariza com esses mundos que parecem ser de início dão distantes dos seus” (ALMEIDA, 2003, p. 209). A respeito dos pais aceitaram o comportamento fora do “padrão” dos filhos, vamos recorrer a um trecho de uma entrevista que Benedito Rui Barbosa conta sobre a recepção da gravidez de Liliana (Mariana Lima) filha do Senador Roberto Caxias (Carlos Vereza) na telenovela “O Rei do Gado” (1996):

Certa vez uma professora da USP fez um trabalho sobre telenovela. Aí, ela viajou para o sertão do Ceará, onde ficou por uns quatro dias. Numa das cidadizinhas, o prefeito instalou uma televisão, e toda noite a multidão se aglomerava na praça para assistir aos capítulos de *O Rei do Gado*. Ao fim do capítulo, a professora e os alunos dela entrevistaram os moradores da região. No último dia, ela puxou assunto com um senhor, que não perdia um capítulo sequer da novela. ‘Do que o senhor mais gostou da novela?’, ela perguntou. ‘Eu tenho uma filha menor de idade. Um vagabundo embuchou a minha filha e desapareceu. Ainda corri atrás dele, mas não achei. Se tivesse achado, teria matado. Mas não achei. O desgraçado sumiu. Sabe o que eu queria fazer? Botar minha filha para fora de casa. Que ela fosse ter o filho daquele vagabundo onde bem entendesse, mas não na minha casa. Pai não fica com filha desonrada’, explicou aquele homem. ‘E o que o senhor fez?’, quis saber a professora. ‘Minha senhora, se até um senador da república pode ter um neto sem pai, por que eu vou botar a minha filha para fora de casa?’, respondeu ele, emocionado. (BERNARDO e LOPES, 2009, p. 68).

Esse longo exemplo nos mostra que a narrativa da telenovela é socialmente incorporada, de forma que seus efeitos fogem da alçada do autor, contribuindo, às vezes, para a construção social de uma agenda pública de debates sobre temas polêmicos. Uma simples atitude de uma personagem é capaz de mudar destinos na vida real.

Para Ester Hamburger a telenovela vai captar e expressar através de mecanismos e convenções formais de produção, difusão e recepção concretos, as

mudanças em curso. Desta feita, ela “representa e constrói a realidade em direções imprevistas e não planejadas.” (HAMBURGUER, 2005, p. 154). Para a autora, uma tendência à uniformização e integração de processos indentitários convive com uma vertente oposta, a afirmação de diferenças e subjetividades. Identidades específicas, como no nosso estudo dos homossexuais, “insistem e persistem em um mundo em que os contornos de domínios nacionais, de espaços públicos e privados estão se redefinindo, tornando insatisfatórios os contornos das disciplinas que vinham dando conta de analisar os fenômenos sociais”(HAMBURGER, 2005, p.160)

Partindo do pressuposto de que os jovens são, em geral, mais estimulados a mudanças de valores, vemos que na teledramaturgia são apresentadas narrativas que promovem a reflexão sobre esta possibilidade.

Os laços sociais da telenovela

O telespectador, ao ver o amor que une Clara e Rafaela; Jenifer e Eleonora e Júnior e Zeca tem a possibilidade de acreditar que pessoas do mesmo sexo podem sentir amor um tão pleno e legítimo como nas relações heterossexuais. Ao criar esses personagens prototípicos, os autores (e também atores), por meio de sua verossimilhança narrativa, colocaram uma nova forma de abordar a sexualidade dos jovens. Se as estatísticas mostram que 10% da população mundial¹² são homossexuais qual a realidade desse público não ser representada de forma estereotipada. Se hoje os jovens que serviram de personagens para a reportagem da Veja não tiveram maiores problemas em assumir sua sexualidade, cremos que um dos fatores é de que as tramas referidas acima já reparam o terreno para maior aceitação.

O francês Dominique Wolton (2006, p. 135) apresenta o conceito de laço social significando

o laço entre os indivíduos e o laço entre as diferentes comunidades construtivas de uma sociedade. Se a televisão consiste em estabelecer alguma coisa de comum entre diversas pessoas, a televisão desempenha um papel nessa reafirmação cotidiana dos laços que juntam os cidadãos numa mesma comunidade.

¹² Fonte: LIMA, 1983, p. 24.

(WOLTON, 2006, p. 135).

Nesse aspecto vemos que muitos assuntos tratados na teledramaturgia unem as pessoas em prol de um motivo, o chamado “merchandising social”. Podemos perceber isso na vasta campanha em prol das crianças desaparecidas por causa da telenovela “Explode Coração” (Glória Perez/1995) ou a campanha contra as drogas em “O Clone” (Glória Perez/2001), e mais recentemente a dos cadeirantes promovidas por “Viver a Vida” (Manoel Carlos/2009). Osvaldo Trigueiro (2008) escolheu a pequena cidade de São José de Espinhares, no sertão paraibano, para realizar sua pesquisa empírica de doutoramento. Lá ele verificou o poder das telenovelas ao promover debates públicos. As conversas no salão de beleza gira em torno das narrativas globais, as peças de teatro encenadas em praças públicas são construídas com bases nas “deixas” das tramas do horário nobre. Wolton sustenta posição na mesma direção:

todos conversam sobre as novelas, o que mostra à perfeição a tese do laço social que é a televisão. Mas não é só de realidade que inspira as novelas; são também as novelas que influenciam a realidade por uma espécie de ida e volta entre a ficção e a realidade, talvez única no mundo. A ficção retoma às vezes a realidade e a influencia, um fenômeno bem mais complexo e interessante do que os reality show. (WOLTON, 2006, p. 163).

A academia não pode fechar os olhos para as narrativas teleficcionais. A telenovela é dirigida a todas as classes sociais e a todas as faixas etárias. Porém, é no consumo desse produto pela juventude que vemos a incorporação de novos hábitos, seja na moda ou na própria forma de encarar a sociedade. No entanto, é preciso inovação nas tramas, principalmente no que se refere à problemática homossexual.

Em nossa pesquisa com o público jovem homossexual em que entrevistamos sessenta pessoas, perguntamos qual temática deveria ser mais bem trabalhada nas telenovelas. Das quatro opções – afetividade, união estável, beijo e adoção - a resposta mais recorrente foi a união estável (22), seguida da afetividade (20) e da adoção (11). O tão polêmico beijo gay recebeu apenas sete indicações. Porém percebemos que os temas com maior gratificação já foram trabalhados de certa maneira pelas telenovelas globais. Mas, o beijo ainda não foi veiculado na novela das nove.

A justificativa para essa não veiculação advém do fato da televisão entrar

na casa de milhões de pessoas e que essa atitude poderia chocar demais os telespectadores. Porém, é a partir desse primeiro choque que a relação homoafetiva vai ficando cada vez mais comum na sociedade. Se o diretor Walter Forster não tivesse “brigado” pela veiculação de um beijo em “Sua vida me pertence” (TV Tupi/1951) certamente o beijo em telenovelas demoraria alguns anos para acontecer. A atriz Vida Alves, protagonista do beijo, recorda esse fato

Walter Forster pensou: uma novela. Vou lançar uma novela na televisão. O público feminino está crescendo dia após dia. E as mulheres adoram romance. Um trio amoroso, isso dá suspense. E a cada capítulo tem que acabar no alto, para dar gancho pro capítulo seguinte. Ah, e vou colocar um beijo. Vai ser sensacional!

O entusiasmo de Walter Forster tinha razão de ser, mas... ele não contava as dificuldades.

Disse Costalima, o diretor-geral: Beijo? Você está louco, Walter? Não se vê beijo nem em filme.

- Em filme americano tem. Eu já vi.
- Americano, alemão, gente estrangeira, acredito. Mas nós, brasileiros...
- Chefe, pense bem....
- Já pensei. Televisão entra nas casas, no seio das famílias... (...)

A discussão foi longe. Entraram outros diretores para opinar. Realmente, o beijo não era usual nas artes, no teatro, nada. (...)

- Alemão, você venceu. Mas olhe lá, que seja uma coisa muito discreta.

(...)

- Escândalo! Isso foi um escândalo!
- Mas escândalo por quê?
- Vocês não viram? A Vida Alves e o Walter Forster deram um beijo na boca. Nunca na vida eu tinha visto isso. É uma vergonha.

Algumas pessoas ficaram alvoroçadas. Escandalizadas. Outras apenas caladas. Outras assustadas. Uma coisa importante tinha acontecido, disso todos sabiam. (ALVES, 2008, p. 113-115).

O beijo entre Vida Alves e Walter Forster foi realmente um escândalo. Tanto que o fotógrafo da emissora se recusou a registrar esse momento por

considerar impróprio. Acreditamos que a mesma atitude dos diretores da TV Tupi deve ser tomada em relação ao beijo homossexual. Nesse momento se vê beijo homoafetivo no cinema (nacional e internacional), nas séries norte-americanas e no teatro, mas nas telenovelas brasileiras ainda é um tabu. Acreditamos que a telenovela brasileira, pelas questões apresentadas acima, caminha em várias direções do chamado “repertório compartilhado”, definido pela Diretora do Centro de Pesquisas em Telenovela, da ECA USP, Maria Immacolata Vassalo de Lopes, algumas vezes negocia com a audiência outras transgride, passando à frente de padrões conservadores. Seria um diálogo constantemente negociado, ou seja: algumas vezes avança em representações sociais, outras vezes regride a padrões mais ligados à uma tradição familiar conservadora. As telenovelas denotam uma tensão entre modernidade e tradição estruturada no âmbito familiar aos moldes das pequenas cidades do interior do país.

Considerações Finais

A televisão brasileira, apesar dos avanços em suas narrativas, ainda trata alguns temas com o olhar conservador e até mesmo homofóbico. Exemplo dessa postura foi a recente telenovela “A Favorita”¹³ (João Emanuel Carneiro-2008) que apresentou a personagem Orlandinho (Iran Malfitano) que deixou de ser homossexual, apresentando, indiretamente, a possibilidade de cura de homossexuais.

Ao contrário das constatações de Ribeiro (2010) que diz que “A TV está no armário” cremos que ela já deu diversas contribuições no que tange a diversidade sexual. É necessário ressaltar que a telenovela é um gênero de entretenimento, logo ela não tem que ser educativa. Mesmo assim, em meio às narrativas shakespearianas assuntos de relevância social e de direitos humanos são retratados. Ondina Leal (1986, p. 75) explica:

A novela é um bem simbólico muito específico: ela trata de afetos e apela a afetos, apresenta modelos de relações sociais, de organização familiar e padrões de comportamento, e atinge diariamente cerca de 40 milhões de pessoas. A

13 Ressaltamos que a personagem Stela (Paula Burlamaqui), que vivia uma lésbica, foi bem representada.

dimensão da importância da novela e a responsabilidade social da indústria que a produz são indicadas nas narrativas. (LEAL, 1986, p. 75)

Acreditamos que as três novelas citadas¹⁴ foram as que melhor repercutiram a identidade homossexual, principalmente no que se refere à juventude. Em todas as tramas o público pode perceber o processo de *coming out* do personagem. O público vivenciou a descoberta da sexualidade junto com as personagens. Pelo relato do grupo focal, vemos que essa fase da telenovela dizia respeito a realidade deles naquele momento. Assim, a narrativa ficcional ajudava os jovens na vida real. O sucesso das personagens foi de vital importância para a formação identitária dos jovens. Desta forma, a telenovela cumpre um papel social ao mostrar novas perspectivas de sociabilidade, fazendo com que as proximidades da juventude real e ficcional sejam possíveis.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Heloisa Buarque. *Telenovela, consumo e gênero*. Bauru-SP: EDUSC, 2003.
- ALVES, Vida. *TV Tupi: uma linda história de amor*. São Paulo: Imprensa oficial, 2008.
- BERNARDO, André e LOPES, Cíntia. *A seguir, cenas do próximo capítulo: as histórias que ninguém contou dos 10 maiores autores de telenovela do Brasil*. São Paulo: Panda Books, 2009.
- BORRELI, Sílvia et. al. Narrativas da juventude e do feminino. In: LOPES, Maria Immacolata V. (org.). *Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas*. São Paulo: Globo, 2009. p.65-110.
- BRANDÃO, Cristina. Telenovela: identidade calcada na verossimilhança da narrativa. In: LAHNI, Cláudia e PINHEIRO, Marta. *Sociedade e Comunicação: perspectivas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 51-66.
- HAMBURGUER, Esther. *O Brasil Antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LEAL, Ondina F. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.
- LIMA, Delcio Monteiro. *Os homoeróticos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- LOPES, Maria Immacolata V. e OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Síntese comparativa dos países Obitel em 2009. In: _____. *Convergências e transmidiação da ficção televisiva*. Obitel 2010. São Paulo: Globo, 2010. p. 23-78.
- NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.
- RIBEIRO, Irineu R. *A TV no armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros*. São Paulo: GLS, 2010.

14 Queremos também creditar as telenovelas “Vale Tudo” (Gilberto Braga/1988) e “A Próxima Vítima” (Sílvio de Abreu/1995) como antecedentes dessas narrativas.

ROGAR, Sílvia e BORTOLOTTI, Marcelo. A geração tolerância. In: Revista *VEJA*. São Paulo: Abril, edição 2164 – ano 43 – nº 19. 12/05/2010.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre. *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-14

TRIGUEIRO, Osvaldo. *Folkcomunicação e Ativismo Midiático*. João Pessoa-PB: Ed. UFPB, 2008.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 2006.